

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v15i25.639>**UM IZIBONGO PARA MAFUKUZELA:** Ritual, Memória e Nação na África do Sul^{1,2}**AN IZIBONGO FOR MAFUKUZELA:** Ritual, Memory and Nation in South Africa**Un IZIBONGO PARA MAFUKUZELA:** Ritual, Memoria y Nación en Sudáfrica

ANTONIO EVALDO ALMEIDA BARROS

Doutor. Departamento de História e Geografia da
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/UFMA)

São Luís, Brasil.

antonioevaldoab@gmail.com

Resumo: John Langalibalele Dube (1871-1946) tornara-se uma figura central da história e memória sul-africana moderna. Suas realizações são bem conhecidas por aqueles que têm se interessado por sua vida e obra. Ao mesmo tempo, os modos como ele vem sendo apropriado e visto do final do século XIX até os dias atuais têm relação direta com os projetos de nação e sociedade sul-africana dominantes. De um lado, há aqueles que tendem a identificar Dube como colaborador da implementação da segregação sul-africana. De outro lado, há aqueles que posicionam John Dube como personagem central das lutas históricas contra a segregação racial, inscrevendo-o, como ocorre paradigmaticamente nos dias atuais, como uma espécie de herói sul-africano – esta tendência pode ser observada em diferentes décadas e situações, como nas representações sobre Dube produzidas por sua família e grupo social nos anos 1970 no âmbito dos izibongos que lhe foram dedicados, e que são objeto central deste artigo. Num jogo de lutas de memória, este padrão interpretativo tornar-se-ia claramente dominante na África do Sul pós-Apartheid, particularmente no contexto de invenção da África do Sul como *Rainbown Nation*.

Palavras-chave: John Dube (1871-1946). Memória. Nação. Izibongo. África do Sul.

Abstract: John Langalibalele Dube (1871-1946) had become a central figure in modern South African history and memory. His accomplishments are well known for those who have been interested in his life and work. At the same time, the ways in which he has been appropriated and seen from the late nineteenth century to the present day are directly related to the dominant South African society and nation projects. On the one hand, there are those who tend to identify Dube as a contributor to the implementation of South African segregation. On the other hand, there are those who position John Dube as the central character of the historical struggles against racial segregation, inscribing him, as it occurs today paradigmatically, as a kind of South African hero - this tendency can be observed in different decades and situations, such as in Dube's representations produced by his family and social group in the 1970s under the izibongos that were dedicated to him, and that are the central object of this article. In a game of memory struggles, this interpretive pattern would become clearly dominant paradigmatically in post-Apartheid South Africa, particularly in the context of South Africa's invention as *Rainbown Nation*.

Keywords: John Dube (1871-1946). Memory. Nation. Izibongo. South Africa.

Resumen: John Langalibalele Dube (1871-1946) se había convertido en una figura central de la historia y memoria sudafricana moderna. Sus realizaciones son bien conocidas por aquellos que se interesan por su vida y obra. Al mismo tiempo, los modos como él viene siendo apropiado y visto

¹ Artigo submetido à avaliação em dezembro de 2017 e aprovado para publicação em junho de 2018.

² Uma versão prévia deste trabalho foi apresentada na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, em Natal/RN.

desde el final del siglo XIX hasta los días actuales tienen relación directa con los proyectos de nación y sociedad sudafricana dominantes. Por un lado, hay quienes tienden a identificar a Dube como colaborador de la implementación de la segregación sudafricana. Por otro lado, hay aquellos que posicionan a John Dube como personaje central de las luchas históricas contra la segregación racial, inscribiéndolo, como ocurre paradigmáticamente en los días actuales, como una especie de héroe sudafricano – esta tendencia puede ser observada en diferentes décadas y situaciones, como en las representaciones sobre Dube producidas por su familia y grupo social en los años 1970 en el ámbito de los izibongos que le fueron dedicados, y que son objeto central de este artículo. En un juego de luchas de memoria, este patrón interpretativo se tornaría claramente dominante en Sudáfrica post-Apartheid, particularmente en el contexto de invención de Sudáfrica como Rainbown Nation.

Palabras clave: John Dube (1871-1946). Memoria. Nación. Izibongo. Sudáfrica.

John Langalibalele Mafukuzela Dube nasceu em Natal, na África do Sul, em 1871. Era filho de pais que se converteram ao cristianismo na American Zulu Mission (AZM) na segunda metade do século XIX, Elizabeth Mayembe e James Dube, um dos primeiros homens do sul da África a ser ordenado pastor.

Os missionários e os africanos convertidos pareciam acreditar na necessidade do progresso do continente africano, o que dependeria da articulação entre formação educacional, sobretudo de caráter técnico, e propagação do cristianismo.

Dube foi educado em instituições ligadas à AZM. Em 1887, viajou com o missionário W. C. Wilcox para os Estados Unidos, onde teve passagem pelo Oberlin College cuja filosofia articulava ideais de educação e trabalho, e que, em 1835, havia se tornado a primeira instituição norte-americana de ensino superior a admitir estudantes negros e do sexo feminino. Já nos EUA, buscara se sustentar trabalhando em diferentes atividades, dentre as quais, como membro de um grupo de trabalhadores de estrada – atividade que julgou “a mais pesada” de sua vida – e palestrando durante celebrações religiosas acerca da necessidade da educação industrial e do cristianismo em Natal.

Dube retornara aos EUA mais vezes em busca de formação educacional e visando adquirir fundos para construir uma escola industrial zulu similar ao Tuskegee Negro Normal Institute, que foi fundado sob o lema trabalho e educação em 1888, tendo como primeiro diretor Booker T. Washington. Em 1901, Dube adquiriu 200 acres de terra no distrito de Inanda, em Natal, onde em poucos anos construíra sua escola, que também funcionava como igreja, o Instituto Ohlange, e atendia inicialmente cerca de 200 alunos. Ao mesmo tempo, ele fundou o primeiro jornal zulu-ínglês, *Ilanga lase Natal (O Sol de Natal)*, que parece ter-lhe ajudado a estabelecer sua reputação política.

Participou, em 1909, das reuniões dos africanos contrários ao Act of Union (South Africa, 1909-1920) que, dentre outras coisas, criava as condições legais para a instituição oficial de práticas segregacionistas que se consolidariam formalmente anos depois, com o Apartheid (1948-1994).³ Em 1912, Dube tornou-se o primeiro presidente do ANC, ao qual, ao longo do século XX, a maioria dos principais líderes sul-africanos estaria vinculada, como Nelson Mandela. Dube opusera-se ao Native Land Act de 1913, que destinara 87% das terras sul-africanas para os brancos, acompanhando uma delegação de africanos que, em 1914, se dirigiu a Londres para protestar contra essa lei. Em 1917, ele foi deposto – ou deixara – a presidência do ANC num contexto de tensão e divergências de opinião dentro do Congresso sobre os princípios e implicações práticas da segregação.

Em 1931, Dube parece ter sido bastante ativo nas negociações das chamadas “cartas dos nativos” de James Hertzog (1866-1942), projeto de leis apresentado no parlamento e cuja intenção era permitir que os negros se desenvolvessem à sua própria maneira, em suas próprias áreas, princípios estes que acabaram sendo aprovados, através de atos legais, em 1935, o que se deu paralelamente ao progressivo processo de remoção de africanos negros de suas áreas originais: alguns veem a participação de Dube neste episódio como no mínimo ambígua, já que ele teria concordado como o desenvolvimento em separado das grupos raciais.

Essa apresentação sumária do itinerário de John Dube (1871-1946) permite vislumbrar como ele se tornou uma figura central da história e memória sul-africana moderna. Se essas realizações são bem conhecidas por aqueles que têm se interessado por sua vida e obra, não menos significativo é observar que os discursos e práticas atribuídos a Dube não costumam ser trazidos à tona de modo despropositado; a eles são destinadas ênfases e interpretações de natureza política, acadêmica ou artística, situadas no contexto social e histórico de seus produtores, numa cadeia de interpretações que envolve, além de Dube, homens e mulheres que com ele conviveram ou que, posteriormente, o tomaram como objeto de suas narrativas.

A partir da análise do conjunto de representações e experiências instituintes de Dube, observa-se pelo menos duas tendências significativas entre aqueles que, de final do século XIX ao início do século XXI, têm tomado John Dube como objeto ou sujeito de interesse. Essas formas de conceber e inscrever Mafukuzela parecem se relacionar tanto às

³ Sobre o Apartheid ver COETZEE, R. M. *The mind of Apartheid: Geoffrey Conjré (1907-)*. *Social dynamics*, n. 17, p. 1-35, 1991; POSEL, Deborah. *The making of Apartheid, 1948-1961*. Oxford: Clarendon Press, 1991, dentre outros.

Outros Tempos, vol. 15, n. 25, 2018, p. 108- 121. ISSN: 1808-8031

opções que ele de fato tomara ao longo de sua vida quanto aos modos como os próprios intérpretes tendem a se posicionar diante dos atos, palavras e silêncios de Dube, e em relação a elementos que marcariam política, econômica e culturalmente a própria história da África do Sul, a exemplo do apartheid. Os intérpretes de John Dube, muitas vezes, parecem estar menos interessados em Dube do que nas causas que teriam levado à institucionalização ou às diferentes formas de resistência e superação do processo de implementação do Apartheid.

Desse modo, de um lado, há aqueles que tendem a identificar Dube como colaborador da implementação da segregação sul-africana. Embora se possam observar registros e focos dessa tendência de interpretação da vida de Dube em diferentes momentos e contextos da história da África do Sul contemporânea, tudo indica que ela seja dominante nos anos do Apartheid, particularmente entre as décadas de 1940 e 1970. Aqui, Dube pode ser visto como fantoche dos brancos, incentivador da solidariedade racial; numa expressão, promotor do apartheid. John Dube seria o retrato de como ser fraco e ambíguo diante das forças sociais, políticas e econômicas da história sul-africana, e da luta contra a opressão social e racial.

De outro lado, há aqueles que posicionam John Dube como personagem central das lutas históricas contra a segregação racial, inscrevendo-o, como ocorre paradigmaticamente nos dias atuais, como uma espécie de herói sul-africano. Também neste caso se podem observar registros desta tendência em diferentes décadas e situações, como nas representações sobre Dube produzidas por sua família e grupo social nos anos 1970 no âmbito dos izibongos que lhe foram dedicados – e que são objeto central deste artigo. Este padrão interpretativo tornar-se-ia claramente dominante na África do Sul pós-Apartheid, particularmente no contexto de invenção da África do Sul como *Rainbown Nation*. Aqui, Dube é reabilitado como sujeito absolutamente envolvido nas lutas pela liberdade, opositor inteligente de ações e movimentos que visavam instituir o Apartheid, e cuja vida seria exemplo de que nas origens da nação sul-africana moderna haveria formas claras de relações raciais harmônicas entre brancos e negros.

Invocando Dube como Herói de África

Pouco mais de dez anos depois da morte de Dube, o Ohlange Institute instituiu a “Mafukuzela Week”, dentro da qual passariam a ser realizadas algumas homenagens àquele personagem. Em 5 de outubro de 1974, um sábado, S. D. Ngcobo, então diretor da Ohlange

Outros Tempos, vol. 15, n. 25, 2018, p. 108- 121. ISSN: 1808-8031

High School, gravou o poeta e cantador Mbutho recitando o izibongo de John Dube no cemitério daquela escola. O izibongo de Dube nunca foi publicado, mas está disponível na biblioteca da Ohlange High School. A gravação está registrada por escrito no original zulu, mas não gravada em mídia sonora.

Izibongo refere-se a louvores entoados em honra de uma pessoa, trata-se de um gênero de louvor poético, de poesia oral, comum entre os zulus, uma espécie de poesia ou louvor com características metafóricas, laudatórias, elogiosas e no qual se narram feitos históricos de uma pessoa que já morreu, sobretudo reis e aqueles que são heroificados. Imbongi é a pessoa especializada em proferir o izibongo.

Em 1992, E. V. Nzana (que tinha participado quando criança do izibongo de 1974), visando concluir uma pesquisa de mestrado em literatura e oralidade, na Universidade de Natal, perguntou se Mbutho, poeta “hábil em usar suas faculdades inventivas para transformar fatos em poesia”, seria capaz de recitar o mesmo izibongo de 1974 para fins de seu estudo. Mbutho aceitou e a segunda apresentação e gravação ocorreu ao redor da sepultura de Dube. Os estudantes do Ohlange, professores e familiares de Dube estavam presentes durante a apresentação.⁴

Se há uma antípoda das visões sobre Dube anteriormente expostas, esta consiste nas formas como Mbutho o apresenta no seu izibongo. Neste, Dube é inscrito fundamentalmente como um herói da África. O seu izibongo, produzido por Mbutho em 1974 e 1992, pode ser visto como a antítese de *African Nationalist*, de Marable⁵.

O objetivo de Nzana⁶ foi analisar, sobretudo, as questões literárias e poéticas do izibongo e as habilidades e características do imbongi. Observou que a audiência aprovou e se envolveu em vários momentos de execução dos louvores por Mbutho, aplaudindo-o vivamente, principalmente quando ele narrava os feitos religiosos, políticos e sociais de John Dube.

A partir da análise da composição de Mbutho do izibongo de Dube, Nzana salienta que ele é um poeta que trabalha com a tradição zulu estabelecida e que produz izibongo para diversos líderes africanos do passado, sobretudo chefes do povo qadi, como Dube, Silwane, Dabeka e Mqhawe, e ainda reis zulus como Shaka, Dingane e

⁴ NZAMA, E. V. Imagery and oral formulaic language in the late Rev. Dr. John Langalibalele (UMAFUKUZELA) Dube’s Izibongo. 1992. Dissertação (Master in Orality Literacy Studies) – Faculty of Arts, Interdisciplinary Studies Programme, University of Natal, Durban. 1992.

⁵ MARABLE, Manning. African nationalist: the life of John Langalibalele Dube. 1976. Dissertação (Doutorado) - University of Maryland, Michigan, 1976.

⁶ NZANA, 1992, p.11.

Outros Tempos, vol. 15, n. 25, 2018, p. 108- 121. ISSN: 1808-8031

Senzangakhona. Mbutho seria um imbongi moderno do século 20, mesclando em sua composição elementos internos e externos às tradições zulus. Contudo, argumenta Nzana⁷, embora Mbutho tenha composto e executado o izibongo de Dube durante tempos modernos, quando a maioria das pessoas zulus já está alfabetizada, haveria fortes evidências de que o izibongo de Dube foi composto desde a perspectiva da tradição oral.

De fato, pode-se afirmar que na sociedade sul-africana, ainda hoje, “a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas”. E, de fato, “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocução-chave, isto é, a tradição oral”. A tradição pode ser definida, de fato, como “um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. [...] Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas”⁸. Um izibongo retomaria a importância da palavra como algo socialmente representativo na cultura e tradição sul-africanas.

É importante considerar que E. V. Nzana apresentara sua dissertação de mestrado em 1992. Este trabalho consiste num elemento privilegiado para a análise das diferentes formas pelas quais os múltiplos setores da sociedade africana inscrevem e situam Dube. Em primeiro lugar, pode-se destacar a imagem de Dube apresentada no seu izibongo produzido por Mbutho. Em segundo lugar, Nzana também apresenta, ao final de sua dissertação, uma breve síntese da biografia de John Dube com base em Shula Marks⁹ e, especialmente, em William Marable¹⁰. Essas duas visões de Dube, embora guardem similaridades, particularmente no que concerne à descrição dos feitos de Dube, são bem diversas e mesmo antagônicas nos sentidos que desejariam imprimir para definir Mafukuzela. Evidentemente, Mbuto não é historiador, como Marks e Marable não são poetas. Porém, cabe lembrar que qualquer sujeito é aproximado de um historiador pela experiência da releitura, que é apenas um exemplo da dificuldade, senão da impossibilidade, de reviver o passado¹¹.

Sob certo aspecto, o izibongo de Dube poderia ser interpretado como uma etapa próxima àquela do trabalho da própria memória em si, o que ocorre cada vez que uma

⁷ NZANA, op. cit., p. 71.

⁸ VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Coord.). *História Geral da África. V. I: Metodologia e Pré-História da África*. São Paulo: Ática / Unesco, 1982, p. 139-140.

⁹ MARKS, Shula. The ambiguities of dependence: John L. Dube of Natal. *Journal of Southern African Studies*, v. 1, n. 2, 1975.

¹⁰ MARABLE, Maning. *African Nationalist. The Life of John Langalibalele Dube*. 1976. Tese (Doctor of Philosophy) – Faculty of the Graduate of the University of Maryland. Michigan: USA, Xerox University Microfilms, 1976.

¹¹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

Outros Tempos, vol. 15, n. 25, 2018, p. 108- 121. ISSN: 1808-8031

memória está relativamente constituída, quando ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização¹².

O izibongo de Dube é constituído por 485 versos, oferece uma rememoração das ações políticas e religiosas, das qualidades pessoais e também a avaliação de Dube por seus companheiros. Os eventos são narrados cronologicamente, do nascimento à morte de Dube. O izibongo começa com algumas lamentações acerca de sua morte. Inicialmente, indica-se que a morte de Dube retirou do meio do povo um dos maiores filhos da África. Mostram-se as dificuldades que ele teve durante sua vida. Apresenta-se Dube como um homem que superou significativos obstáculos, trabalhado nos bons e maus momentos pela grandeza do continente africano.

Destaca-se que suas atividades políticas estenderam-se para diversos lugares, como a Suazilândia, Lesoto, Rodésia e outras partes de África, e que Dube percebera que nenhum povo podia confiar inteiramente em meios de comunicação que não são controlados e produzidos por aqueles que fazem parte dele, por isso fundou *Ilanga lase Natal* em 1900, para assim apresentar suas aspirações, esperanças e pontos de vista. Afirma-se que *Ilanga lase Natal* tornou-se um dos meios de comunicação mais importantes para a expressão africana, uma arma poderosa na batalha pelo progresso e libertação de África.

Considera-se ainda que todos os africanos, dos mais importantes aos mais humildes, rurais e urbanos, zulus e não zulus, falariam com respeito e gratidão de Dube. Lembra-se que a Organização Nacional Africana deu-lhe um lugar de honra devido a tudo o que fez; e que mesmo os seus inimigos e opositores, as autoridades governamentais, muitas vezes buscavam o seu conselho e cooperação nas questões africanas.

Pontua-se que Dube tornara-se um símbolo nacional de tudo o que é grande, duradouro, bom e progressivo e, como educador, teria percebido que o estado das massas deve ser elevado. Para tanto, construíra uma escola na qual africanos aprendiam e ensinavam uns aos outros. Pondera-se que Dube enfatizou a necessidade de educação industrial e acabou aparecendo para alguns como apoiador da visão de que o negro só estaria preparado para um papel que envolvesse o uso de suas mãos, em vez de sua mente. Salienta-se que Dube era um homem muito religioso e que realizara mais feitos do que Booker Washington.

Lembra-se que as atividades políticas e educacionais de Dube tiveram impacto na Rebelião Bambatha, que ele era um amigo próximo do Reverendo Shembe, e que Ohlange

¹² POLLACK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. p. 207.

formara estudantes de vários grupos étnicos. Desse modo, teria Dube construído uma escola para toda a África.

Destacando-se certos acontecimentos, personagens e lugares – estes elementos constituintes da memória¹³ – certamente, nem sempre conhecidos direta ou indiretamente pelos que presenciavam o ritual, os versos do izibongo de Dube são enfáticos quanto às lamúrias de se ter perdido tão grande nome da nação sul-africana e sobre a importância e prestígio de Dube em todos os cantos da nação. Estes elementos fazem-se presentes durante todos os versos, mas aparecem já de início demarcando o tom do ritual:

Lamentamos por ter nos deixado Mafukuzela [...]
 Espaço entre galhos de árvores para atrair raios do sol
 Raios solares que iluminaram toda a África
 Raios solares que brilharam e perseguiram a escuridão
 Mesmo em lugares escondidos de KwaZulu and Bhodwe [Natal]
 Mesmo em lugares escondidos da Suazilândia de KwaNgwane
 Mesmo em lugares escondidos da Basutolândia de Moshoeshoe
 Mesmo em lugares escondidos da Pondoland of Fanku
 Mesmo em lugares escondidos da Xhosaland of Histsha
 Mesmo em lugares escondidos da Mzilikasi do Mashobane
 Choramos por ter nos deixado Mafukuzela
 [...]
 Nós lamentamos que você nos deixou como um homem entre os homens
 Nós choramos e somos consolados pelo texto da igreja [...]

O reconhecimento sobre a produção escrita de Dube através do seu jornal aparece em fragmentos do izibongo e parecem se traduzir em belas obras desse personagem. Aqui, exalta-se a importância da ancestralidade e do contato com ela através da palavra:

Em nosso luto ouvimos os meninos
 gritando dizendo
 Sim: o *Ilanga lase Natal*:
 O jornal zulu
 Esses meninos estavam gritando suas obras
 [...] obras muito bonitas
 [...]
 Não vamos interromper o costume da comunicação com os antepassados
 Para que os nossos chefes e heróis subam quando nós os agitarmos para fazerem isso
 Oh: levante-se e mexa-se; ancestral da África
 [...]
 Levantem-se! Mexam-se! Editores de Ilanga
 Dirijo-me a você Ngazana Luthuli e R R R Dhlomo
 O mundo ainda está admirado com o seu talento
 Vocês são os editores do Ilanga

¹³ POLLAK, op. cit.

Outros Tempos, vol. 15, n. 25, 2018, p. 108- 121. ISSN: 1808-8031

Evidentemente, o izibongo está conectado ao presente quando olha para o passado. Não à toa Luthuli e Dhlomo, ambos então em plena atividade, são alertados para que se empenhem. Na prática, para que mantenham vivo Ilanga, legado de Dube. Tomado como um dos maiores heróis da nação, Dube é constantemente atualizado nos mesmos versos que destacam suas ações e relações como um homem de vida pública e que, sobretudo, não fugira do combate e lutara até o fim pelos filhos de sua nação.

Estamos chorando estamos chorando Mafukusela por você ter nos deixado
 Você iluminador do povo da África
 Seus filhos enlutam você porque você que é o pai deles
 Lamentamos por você porque você é o pai da África
 Se no Parlamento do novo mundo
 Este é um porta-voz
 Gostaríamos de entender
 E conhecer bem [...] nós temos um embaixador
 Que é iluminado

Pai da África
 Mestre da África
 Construtor da África de hoje
 Herói dos heróis

Lamentamos por você Makufuzela
 E nós que sentamos ao redor do fogo
 Que você fez no *Ilanga lase Natal*
 Você fez e lutou suas guerras
 Antagonistas ciumentos embora tivessem feito,
 O fogo até que eles aplaudiram você
 Suas guerras pelo caminho
 Não são suas, elas são da África como um todo
 No momento em que você se foi, morrendo
 Seus inimigos tinham percebido
 Que eles deviam ceder
 Suas obras são bonitas, louváveis e brilhantes
 Que é porque nós lamentamos você
 [...]
 Salve salve Mafukuzela que é como o céu
 Descanse em paz
 Descanse herói dos heróis
 Você alcançou por si mesmo a vida eterna
 Para morrer a morte eterna
 Morrer por Ohlange, morrer pela África

Sobre os seus feitos no âmbito educacional aparecem louvores. Tais feitos educacionais seriam lembrados no izibongo como parte de sua obra como missionário evangelizador, civilizador e libertador do povo sul-africano.

A escola da nação que você deixou
 Você constrói em Inanda em Ohlange
 Continuará a ser um tesouro bonito
 [...]

O mundo continua surpreso por seu apoio honesto para Mafukuzela
 Vocês Sothos e Xhosas, vocês sentiram o calor de Ohlange?
 Eu testemunho sobre Gugushes, os campeões entre os Moshoeshoe
 De Sotho
 Eu testemunho sobre Tshilela e Rahadi entre aqueles de Moshoeshoe
 Que ensinaram com muita dedicação aqui no Ohlange
 Os estudantes de vários grupos étnicos os quais eu não consigo contar
 Eles deixaram seus pares virem participar aqui no Ohlange
 Os professores de língua Xhosa que destacaram o padrão da
 Educação aqui no Ohlange
 Nós dizemos a eles o Dr. Bhokwe e outros, Ohlange respeita você
 Ohlange outrora deu frutos em quase toda a África
 No fluxo de conhecimento e educação

Novos edifícios foram construídos em todas as áreas de missões
 O nível da educação dos africanos melhorou muito e Mafukuzela
 Estaria feliz hoje com essa conquista e diria, “finalmente”
 Imediatamente ele introduziu comércios, como carpetes, costura,
 Conserto de sapato, datilografia e contabilidade

Quem libertou o povo da opressão da ignorância?
 Adeus Mafukuzela
 Reverendo Dr. John Dube
 Você lutou o bom combate
 Você realizou o seu trabalho
 Tudo isso dizemos chorando, derramando lágrimas
 Permitam-me que as pessoas chorem e lamentem
 Luto em nome da nação Qadi
 Permitam-me as pessoas chorarem em voz alta
 Chorar em nome da escola de Ohlange
 Não é que o patriarca Dube e construtor dos Qadis
 Foi um herói e campeão do rei Shaka
 Ele morreu nas mãos do rei Shana
 O nome permaneceu, manteve-se com a nação Qadi
 De fato, os Qadis em toda a história do Kwazulu
 De tempos antigos, ainda hoje é assim
 Eles são o terceiro na multidão das nações
 Que estão sob o reino e governo de kwazulus
 Não é que Mqhawe das aves do Dube
 Estabeleceu a nação Qadi deste lado do Tugela
 Até o encontro com os brancos
 O encontro com a educação

Como é possível observar, o fragmento acima reconstrói as origens de Dube e de seu povo e, em linhas finais, reafirma o argumento do próprio John Dube, segundo o qual o progresso educacional e a civilização dos zulus estariam no encontro com os brancos.

Não é assim que Makufuzela que é como o céu
 Tinha sangue Qadi fluindo em suas veias [?]
 Ele se tornou um herói e fomentador da educação e civilização
 É que quando Makufuzela alcançou na educação
 Ele alcançou o reino para a honra dos Qadis

[...]
 Ele pretendia abrir os olhos dos zulus e dos brancos
 De modo que estas duas nações podem respeitar-se mutuamente
 Na educação e civilização

Outros Tempos, vol. 15, n. 25, 2018, p. 108- 121. ISSN: 1808-8031

Não é que Ohlange de todas as suas contemporâneas, escolas
E instituições de ensino superior
É o único que foi estabelecido por um nativo
Um Qadi nascido e criado
Um zulu puro

Um dos trechos do izibongo une desígnios divinos, religião, educação e produção intelectual de Dube como elementos estreitamente complementares em sua história de vida. Além disso, como ocorrerá no documentário *Oberlin-Inanda*, de Chérif Keita¹⁴, que tem como foco John Dube, pede-se ajuda para a manutenção da escola fundada por Dube.

Não é que Mafukuzela que é como o céu era um
Ordenado mesmo na religião [?]
Então, porque Ohlange está órfã?
Sacerdotes porque vocês não pregam sobre Ohlange?
[...]
Pessoas aprenderam, por que você não prega sobre Ohlange?
Pessoas ricas, porque vocês não podem construir Ohlange?
Não é verdade que Mafukuzela que é como o céu
Era um especialista também na escrita de livros
Então porque Ohlange está órfã?
Não é verdade que Mafukuzela que é como o céu
É o único que estabeleceu o jornal ilanga?
Então porque Ohlange está órfã?
Jornalistas por que vocês não escrevem sobre Ohlange?
Locutor de rádio porque você não fala sobre Ohlange?

Também aparecem as relações do intelectual sul-africano com políticos e outros expoentes da África do Sul:

Professor quando você tomará o seu lugar no Ohlange?
Não é que a primeira organização política
Foi estabelecida por Mafukuzela e por Dr. Seme e Msimango?
Senadores do governo de Kwazulu
Por que vocês não cuidam de Ohlange?
Vamos parabenizar Mafukuzela
Ele que estabeleceu a si mesmo uma tarefa difícil
Ele morreu sem mudança de seu juramento
Ele mostrou honestidade de liderança não encontrada entre muitos
Coletando dinheiro de pessoas prometendo construir uma
Escola a partir deles
Na verdade você construiu Ohlange
É o orgulho e a medalha da honestidade de um líder negro
Mafukuzela

Nas lutas e batalhas travadas por Dube o Inkatha também aparece:

¹⁴ OBERLIN-Inanda: The Life and Times of John L. Dube. Direção de Chérif Keita. Vancouver: Villon Films, 2006. 1 DVD (54 min).

E os homens jovens que lutaram na guerra de Bambatha
 [...]
 Mafukuzela que é como o céu apoia o rei
 Salomão de Dinuzulu
 Para estabelecer e inaugurar o kwazulu Inkatha¹⁵
 Os tempos eram difíceis
 Mas você não perdeu a esperança
 Hoje ainda é assim
 Nós também não perderemos a esperança

Certamente, não haveria momento mais interessante para proceder com um izibongo para Dube senão no centenário de sua morte:

Mafukuzela que é como o céu
 Você morreu quando tinha setenta e cinco anos
 Mesmo Ohlange completou setenta e cinco anos
 Ontem celebramos você e o Jubileu de Diamante de Ohlange
 Gerações celebrarão cem anos para você, um centenário
 O país inteiro agora o vê
 Eles disseram que era uma estrela enquanto que era
 Ainda é Langelibalele¹⁶

John Dube morto é um lamento para seus pares, mas em seu izibongo ele também é evocado como sinônimo de luta, sabedoria e respeito. Evidencia-se também a sua luta ao longo da vida por igualdade e unidade entre os sul-africanos por meio de seus princípios religiosos:

Respeitosamente
 Respeitando o ancestral e o túmulo de Mafukuzela
 [...]
 Participar em suas associações de unidade,
 Até que chegue ao fim
 A segregação nos domínios da igreja
 Deve ter sido conquistada de uma vez por queda
 Do Satanás
 [...]
 Não são todas as pessoas que possuem alta qualificação
 Que contribuem proveitosamente
 Somente aqueles que têm sorte
 Para descobrirem-se conhecerem seus talentos
 Que contribuem proveitosamente

A alta qualificação que John Dube tanto incentivara foi também reconhecida no texto do izibongo e, ao mesmo tempo, contestava-se a fundação de qualquer universidade nos arredores que não fosse nas dependências onde hoje se situa Ohlange:

¹⁵ John Dube também ajudara a fundar o Inkatha Freedom Party (IFP)

¹⁶ Na tradução para o inglês, Langelibalele significa *Sunshine*, portanto, luz do sol, brilho do sol, alegria, felicidade, dentre outros.

Ouvimos dizer que uma universidade para a formação africana
 Para trabalhadores da tecnologia será construída em Umlazi
 mas, com o devido respeito, que seja construída em Ohlange
 Porque é em Ohlange onde a educação
 Profissional começou primeiro
 [...]

 Ohlange é um orgulho da nação africana
 Tudo o que é sagrado para nação africana é Ohlange
 Algo é iminente e veremos os resultados
 Aquelas palavras foram ditas pelo príncipe Mshiyeni de Dinizulu
 Quando ele e Mafukuzela foram premiados com medalhas

Dube aparece como a pedra de toque para as ações que desenvolveriam a África. Os resultados iminentes das mudanças viriam com o reconhecimento de seu papel e, ainda que morto, ele seria a glória e a salvação de seu povo:

Não culpamos o criador por privar-nos de você
 Mas lembraremos do seu reino tranquilo
 Não temos dúvida, você é um ancestral bom para todo o povo
 Vamos agradecer sua vida curta
 Não vamos culpar a morte que vem de forma tão abrupta
 Porque através de você, devemos ganhar a vida eterna
 Que nos permitirá ver o fim da natureza

E nos momentos finais do izibongo comenta-se a respeito do futuro da educação através da escola de Ohlaneg, nas seguintes expressões:

Salve! [...] Vossa Alteza
 É assim que o Ngonyama (leão) iniciou os recursos financeiros para construir
 Ohlange
 “O king Goodwill Zwelithini Ohlange Development Found”
 Este recurso será válido a partir de 1975
 Ele crescerá como o rei cresce
 Ele crescerá com a nação zulu
 Vossa Alteza
 Vossa Alteza
 Salve a ti.

Certamente, esta deve ser interpretada como uma memória do grupo social ou mais precisamente dos sujeitos e seus familiares, que tenham sido mais próximos de Dube. Afinal, apesar de os próprios indivíduos lembrarem, no sentido literal do termo, quem detém o que é memorável são os grupos sociais. Desse modo, os indivíduos acabam se identificando com os acontecimentos públicos relevantes para o seu grupo. O sujeito lembra porque a situação presente o faz lembrar. Longe de significar reviver, lembrar implica refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias hodiernas as experiências do passado. A lembrança seria, portanto, uma imagem construída pelos materiais que estão atualmente à

Outros Tempos, vol. 15, n. 25, 2018, p. 108- 121. ISSN: 1808-8031

disposição do sujeito, e a linguagem seria o instrumento socializador da memória, cujo caráter é pessoal, familiar, grupal e social.¹⁷

É significativo observar que esse izibongo de Dube, realizado durante o Apartheid, para além da reificação de Dube como herói e mito, apropria-se e instaura uma espécie de memória social que pensa a África do Sul em termos de busca da liberdade, dos grandes nomes do continente africano, da grandeza de África, das esperanças, do progresso, do diálogo com a ancestralidade etc. O izibongo de Dube não é construído sob a retórica do sofrimento, como seriam as recordações estimuladas em tempos mais recentes pela TRC, que estimularia a memória da vitimação na qual a população negra não se constituiria como sujeito e agente da história.¹⁸ Para além do argumento freudiano acerca do caráter ferido da memória cujos mecanismos complexos tendem a recalcar os traumatismos sofridos e as lembranças muito dolorosas, é possível sugerir que as formas de se apropriar do passado eram diversas naquele momento de forte segregação.

Antes restrita a espaços mais privados, como sua família, sua escola e seu grupo social, essa imagem de Dube e de seus feitos, como delineada em seu izibongo por Mbutho, será dominante nas formas de apreender John Dube na chamada *Rainbow Nation* do pós-Apartheid. Capítulo de uma “memória subterrânea”¹⁹, já que seu conteúdo é predominantemente contrário, chegando mesmo a se defrontar com a concepção oficial de nação na África do Sul do Apartheid, a representação de Dube, como vista em seu izibongo, passará a ser uma das linhas de um novo tecido de nação, a nação arco-íris.

¹⁷ HALBWACHS, op. cit.

¹⁸ GROSSMAN, Jonathan. Violência e silêncio: reescrevendo o futuro. *História Oral* - Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 3, 2000.

¹⁹ POLLAK, op. cit.; Id. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, n. 1, p. 3-15, 1989.